

DOSSIER. Introducción

UM OLHAR DECODIFICADOR: A HISTÓRIA CULTURAL ENQUANTO TRADUÇÃO DE UMA REALIDADE SIMBÓLICA.

Luis Fernando Beneduzi
Università Ca' Foscari di Venezia
luis.beneduzi@unive.it

Diante de um mundo sempre mais digitalizado, muitos dos televisores contemporâneos, que recebem sinais de transmissão através de satélites, têm a necessidade de um decodificador (*decoder*) que possa “traduzir” os diferentes signos e transformá-los na imagem que o telespectador acessa. Aquilo que entra nas casas é uniforme, articulado, produz um significado; no entanto, é fruto de uma decifração de códigos que, separadamente, não se dariam a conhecer naquela maneira integral e integrada. Em um mesmo sentido, o fluxo do devir humano reelabora-se constantemente em uma profusão de significâncias, de sentidos atribuídos às coisas, às palavras, às ações, às sensações, os quais sofrem um processo de “tradução” por parte do leitor, sendo transformados em algo inteligível, estabelecendo-se entre o enunciado e o receptor uma relação de “representância”¹.

No entanto, pensando no conhecimento histórico, essa possibilidade de compreender o passado enquanto produtor de sinais passíveis de serem decifrados, na construção de uma verossimilhança do real acontecido, é algo que se apresenta com força no último quartel do século XX, quando a razão iluminista é colocada em xeque e novas leituras nascem ao interno da crítica a duas importantes correntes interpretativas: o marxismo e os Annales². Assim, a História enquanto tradutora de uma percepção da realidade terá que esperar essa mudança paradigmática contemporânea, que permitirá ao historiador entender o passado como espaço que se constrói em relação a um presente e aos grupos que interagem nesse presente.

Nessa nova realidade analítica, que critica a configuração de um real imóvel e de uma verdade imutável, deve-se ter muita atenção, pois a virada traz consigo também alguns riscos, os quais devem ser considerados no trabalho interpretativo. De uma certa maneira, aquilo que mais enriquece a História Cultural, enquanto possibilidade

¹ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo III*. São Paulo: Editora Papyrus, 1996.

² PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Recibido: 12-06-2010
Aceptado: 16-06-2010

Cómo citar este artículo: BENEDUZI, Luis Fernando. Um olhar decodificador: a história cultural enquanto tradução de uma realidade simbólica. *Naveg@mérica. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2010, n. 5. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

de leitura e interpretação da realidade, também é o que se apresenta como seu grande perigo:

Enfim, captar subjetividades e sensibilidades, aquilo que já foi definido como sendo *creme de la creme* para o historiador, é aquilo que mais busca a História Cultural, mas é, ao mesmo tempo, o seu maior desafio³.

O trabalho com as subjetividades e com diferentes graus de verdades – sobretudo tendo presente uma acepção plural do conceito – comporta riscos que devem ser superados pelo historiador. Entretanto, qualificam o seu trabalho, pois possibilitam um mergulho mais profundo na complexidade das relações humanas e das experiências vividas no passado. Estando marcados pelas vivências do presente, constituem-se em um modo de a sociedade perceber a si mesma em diferentes momentos da sua trajetória, ainda mais quando se vive um presente que é marcado pelas sensações. E é nesse sentido, nessa vinculação intensa com o presente, que a História Cultural adquire seu vigor e se estabelece como lugar da moda. Não a moda entendida preconceituosamente como algo passageiro, mas em sua definição de característica de um grupo humano em um dado momento.

Para lidar com esses riscos, três elementos tornam-se fundamentais: erudição, teoria e método. Para fugir de um processo de simplificação do passado, a grau de conhecimento acumulado pelo historiador permite a ampliação da capacidade de interconectar os dados, produzindo e fundamentando novos significados e aprofundando o nível de interpretação. Se o passado se dá a conhecer a partir de representações, os óculos teóricos são fundamentais para a elaboração de uma leitura que crie relações entre os diferentes indícios que emergem do real acontecido. Por fim, a metodologia de análise das fontes e de produção de cartografias relativas à concretude da existência permite uma elaboração mais qualificada de “provas” que colaboram na construção de versões verossímeis da passividade.

Retornando por um momento a questão “moda”, para destacar o espaço que a História Cultural tem ocupado em nível internacional, em quatro anos, em cinco países diferentes, foram produzidas obras que tentam entender o fenômeno e produzir balanços explicativos. O primeiro, já citado anteriormente, será produzido por Sandra Pesavento, no Brasil, em 2003, propondo-se a “traçar uma história dessa mudança na História, que assumiu a forma da História Cultural”⁴. Em 2004, na Inglaterra, Peter Burke publica “What is Cultural History?”⁵, tentando tratar “de algumas das principais maneiras pelas quais a História Cultural costumava ser, é, será, pode ou deve ser escrita no futuro”⁶. Como terceira obra, publicada por Alessandro Arcangeli, na Itália, em 2007, tem-se “Che cos’è la Storia Culturale?”⁷. Nesse último título, reconhecendo ainda o escasso conhecimento a respeito da História Cultural no meio acadêmico italiano, mas a grande difusão em nível internacional, o autor propõe um percurso didático introdutório. Pode-se ainda

³ Idem, p. 119.

⁴ PESAVENTO, Sandra. Op. cit. nota n. 2, p. 16.

⁵ BURKE, Peter. *What is Cultural History?* Cambridge: Polity Press, 2004.

⁶ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 12.

⁷ ARCANGELI, Alessandro. *Che cos’è la Storia Culturale?* Roma: Carocci, 2007.

destacar, na França, no ano de 2004, Pascal Ory⁸ que publicou “L’Histoire culturelle” e Philippe Poirrier, autor de “Les Enjeux de l’histoire culturelle”⁹; e na Espanha, em 2005, Justo Serna e Anacleto Pons publicaram “La historia cultural. Autores, obras, lugares”¹⁰.

Com a breve apresentação bibliográfica que se procurou fazer acima, não se objetiva destacar alguma obra em detrimento de outras, construindo um juízo de valor, e nem mesmo dar conta de toda a produção que foi desenvolvida no âmbito da História Cultural. O que se quer efetivamente ressaltar é a efervescência de trabalhos concernentes não apenas a essa “linha interpretativa”, mas a publicações analíticas que buscam criar um entendimento acerca dessa maneira de construir o conhecimento histórico e narrar as experiências dos homens no tempo.

De acordo com as informações trazidas por Sandra Pesavento, as publicações que se alinham teoricamente com os pressupostos da História Cultural (considerando artigos científicos, livros, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado) ocupam cerca de 80% do que hoje é produzido na historiografia brasileira¹¹. No entanto, levando em conta a profunda interdisciplinaridade que a envolve, desde o hibridismo que acompanhou o seu “nascimento”, denota-se um diálogo profícuo com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a psicologia, a literatura, a arte. Neste dossiê, a partir de diferentes contribuições, procurou-se, também, trazer à tona essa característica multidisciplinar que circunda a produção em História Cultural e como os trabalhos estão sendo encaminhados, em termos brasileiros, na contemporaneidade.

Dentro da vasta produção brasileira que se refere à História Cultural, traz-se à luz um grupo que – desde os finais dos anos 90 – tem produzido muito na área e tem trabalhado arduamente no sentido de contribuir na difusão das pesquisas neste âmbito teórico. O Grupo de Trabalho em “História Cultural”, que faz parte da Associação Nacional de Professores de História (ANPUH), apresenta uma trajetória de mais de dez anos, tendo surgido do desejo de Sandra Pesavento de operar pela qualificação das discussões e das publicações relativas ao mundo das representações, do imaginário, das sensibilidades, das subjetividades. No ano de 1999, a partir de um encontro acadêmico que uniu o grupo do Rio Grande do Sul – liderado por Pesavento – àquele de Minas Gerais – liderado por Rosângela Patriota – foi dado o primeiro passo para o nascimento do GT Nacional. Desde aquele momento, tiveram início muitos trabalhos conjuntos e coletivos, além da organização de um fórum nacional de discussão (Simpósio Nacional de História Cultural), evento bianual, que se encontra, no ano de 2010, na sua quinta edição (Porto Alegre – 2002; Rio de Janeiro – 2004; Florianópolis – 2006; Goiânia – 2008 e Brasília – 2010). Nestes oito anos que seguiram o primeiro encontro, o grupo viveu um grande florescimento e os simpósios experimentaram o crescimento exponencial em nível de trabalhos apresentados e público ouvinte.

⁸ ORY, Pascal. *L’Histoire culturelle*. Paris: PUF, 2004.

⁹ POIRRIER, Philippe. *Les Enjeux de l’histoire culturelle*. Paris: Seuil, 2004.

¹⁰ SERNA, Justo y PONS, Anacleto. *La historia cultural. Autores, obras, lugares*. Madrid: Akal, 2005.

¹¹ PESAVENTO, Sandra. Op. cit. nota n. 2.

De qualquer forma, a proposta central do presente dossiê não se coloca como um balanço daquilo que tem sido produzido, em âmbito nacional (brasileiro) no que concerne à História Cultural. Diferentemente, na discussão acerca de temas e dilemas, os trabalhos acabam trazendo ao leitor uma espécie de “estado da arte”. A partir das discussões que têm acontecido no interior do(s) grupo(s) que compõem o GT de História Cultural, os artigos narram escolhas temáticas, elaborações teóricas, interconexões metodológicas. De uma maneira “empírica”, busca-se dar a conhecer ao leitor o avanço das estratégias desenvolvidas por uma parte da comunidade científica brasileira (e brasilianista), na utilização deste olhar decodificador de Clio, na tradução de sinais sensíveis do passado.

Neste sentido, o artigo apresentado por Rosângela Patriota e Alcides Freire Ramos traz uma rica discussão sobre a interconexão que se apresenta nas leituras que o presente elabora sobre o passado. Em dois encontros temporais marcados pelo tempo da narrativa, o período conhecido como “Anos de Chumbo”, durante a ditadura militar brasileira, serve de moldura para a produção de representações sobre o passado nacional encarnado obras como “Frei Caneca” e “Os inconfidentes”. Utilizando-se de elementos próprios da ditadura – a exaltação dos vultos nacionais – a narrativa da peça e do filme terminam por trazer à luz um olhar sensível sobre o movimento construído em torno da resistência democrática dos anos 1970.

Na esteira das discussões sobre representação e construção simbólica da identidade nacional, Chiara Vangelista oferece ao leitor um mergulho no debate acerca de tradição e modernidade no Brasil das décadas de 30 e 40 do século XX. Seguindo o roteiro e as narrativas de viagem de Claude Lévi-Strauss, Albert Camus e de Cesare Albisetti, a autora busca descortinar o olhar estrangeiro que se debruça sobre o Brasil e que procura – através da sempre continuada leitura de sua natureza – descrevê-lo entre o arcaico e o porvir. Em uma leitura pessimista sobre o desenvolvimento do transporte rodoviário no Brasil, tendo como elemento comparativo a experiência europeia, os viajantes contam um período híbrido da história brasileira, no qual a vontade de modernização se confronta com a exiguidade de capitais.

Prosseguindo com uma discussão que coloca como um dos elementos-chaves a natureza, Isabel Cristina de Moura Carvalho traz ao debate – à luz de um ecologismo que cria raiz no Brasil dos anos 80 e 90 do século passado – a marca romântica, contra hegemônica e moderna, tanto do movimento ecológico quanto da psicanálise. Em um diálogo que se apóia em “O mal-estar da civilização”, de Sigmund Freud, a autora propõe uma leitura dessacralizadora da aposta ecológica, relativizando algumas crenças ambientais “naturalizadas” ao contrapor a utopia ecológica ao pensamento trágico freudiano.

Adelia Miglievich Ribeiro reconduz à discussão sobre a identidade (nacional brasileira) e os entrecruzamentos entre presente da narrativa e passado do narrado, a partir de uma hermenêutica da obra “O provo Brasileiro” de Darcy Ribeiro. Não se dissociando absolutamente do elemento natureza, tendo em vista que esta participa intimamente da composição identitária do povo brasileiro, Adelia oferece um olhar novo sobre o percurso analítico de Darcy Ribeiro que, partindo do elemento trágico da “ninguendade” como forjador da auto-representação nacional, em uma dinâmica que envolve negação do reconhecimento, reconciliação e redenção, eleva a brasilidade à condição de “Roma Tropical”. É ressaltado, na narrativa do

sofrimento que marcou o “fazimento” do povo brasileiro, um desfecho de criativa gestão da memória e de saídas inéditas, que coloca na ribalta a dimensão de uma modernidade híbrida.

Em uma dimensão que abrange as concepções de cidadania e o espaço do outro – no caso o indivíduo tido como louco – nesta experiência de vivência da cidade e na cidade, Nádia Maria Weber Santos apresenta ao leitor uma dimensão muito cara à História Cultural, as narrativas sobre as sensibilidades dos homens no passado. No bojo das discussões sobre a História da Medicina e do saber psiquiátrico, que estavam se afirmando entre os séculos XIX e XX no Brasil, a autora estuda narrativas produzidas desde dentro do sistema que abriga e ao mesmo tempo exclui o personagem louco. Neste contexto de “correspondências do hospício”, o personagem TR faz a sua apresentação, produz representações sobre si e ilumina com suas observações o sistema que o envolve. A historiadora, levando em conta estas “narrativas do sensível”, aponta para uma série de entrecruzamentos de leitura e de percepções sobre a sociedade local e nacional da década de 1930, assim como para as representações acerca da loucura no meio pesquisado.

Como se pode perceber, as escolhas dialógicas que estão representadas no dossiê enfatizam um caminho que tem aproximado a História de outros saberes como a antropologia, a psicologia, a literatura e a arte. Nesta trajetória de avizinhamo a outras áreas, característica essencial da História Cultural, que é destacada nos diferentes autores deste número da revista Naveg@mérica, observa-se uma ênfase em alguns elementos teóricos que têm delineado os rumos e as matizes da panorâmica contemporânea que envolve essa linha interpretativa. Nas discussões sobre representação – enquanto narrativa de viajantes, intelectuais ou “loucos” – encontramos um eixo comum na análise de percepções sobre a sociedade, que colaboram para um processo de bricolagem, com o uso dos indícios do “real” acontecidos. As diferentes identidades – individuais, coletivas, ecológicas, nacionais – denotam auto-representações necessárias em um presente que perde a concretude e as certezas da existência, sendo marcado por fluidez e hibridez. Em todas as situações, falando de percepções, está-se narrando sensibilidades que se constroem em um entre-lugar, em um interstício que sobrepõe passado e presente, narradores e narrados.

De qualquer forma, foi mencionado anteriormente, este esboço narrativo e os artigos que compõem este dossiê não têm a pretensão de esgotar as possibilidades de cruzamentos temáticos ou de mapear a totalidade dos dilemas que tem marcado a produção em História Cultural na contemporaneidade. A função central é colaborar com a discussão contemporânea e inserir também em terra de além-mar, ou em mares virtuais, uma parcela do que hoje vem sendo debatido no Brasil sobre a construção teórico-temática em História Cultural.

Veneza, Italia, 12/06/2010.